

V COMPOLÍTICA – Paraná/Curitiba – 08 a 10 de maio de 2013

*Jornalismo, memória e mito: um olhar sobre a vitória de
Barack Obama em 2008*

Michele da Silva Tavares

Elton Antunes

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

E-mails: micheletavaresjor@yhoo.com.br; eantunes@ufmg.br.

Jornalismo, memória e mito: um olhar sobre a vitória de Barack Obama em 2008¹

JORNALISMO POLÍTICO - Michele da Silva Tavares² e Elton Antunes³

Resumo: A observação da cobertura noticiosa da vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais norte-americanas de 2008 permite identificar nos relatos jornalísticos várias associações da figura do candidato à ideia do mito político, por meio de forte apelo à sua peculiaridade biográfica e ao ineditismo que permeia o significado da sua vitória em âmbito mundial. A recuperação desse passado foi essencial à caracterização do acontecimento político pela mídia jornalística. Neste sentido, o objetivo desse artigo é discutir esse papel do jornalismo como lugar de articulação e operador da memória do personagem político, através da análise comparativa da maneira como a imagem de Barack Obama foi apresentada nas revistas semanais de informação *Time* e *Veja* ao longo do ano eleitoral. Do ponto de vista metodológico pretende-se fazer um mapeamento dos enquadramentos que privilegiam esse passado biográfico, identificando o que é acionado e como é acionado pelo discurso jornalístico.

Palavras-Chave: Discurso Jornalístico; Enquadramento; Memória.

Introdução:

Considerando o contexto de campanha eleitoral como cenário plural de vozes e discursos em disputa na mídia, sobretudo em países de regime democrático, a emergência de líderes políticos como símbolo de popularidade fomenta na imprensa mundial uma ampla discussão sobre as expectativas e consequências sociais, políticas e econômicas diante da nomeação do chefe de Estado. Esse fervor discursivo é ainda mais amplo diante de uma situação marcada pelo ineditismo e peculiaridade em relação à trajetória do líder político em questão. Esse nos parece o caso da cobertura noticiosa da vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais norte-americanas de 2008.

Pretendemos nesse artigo identificar elementos que do ponto de vista do relato jornalístico produzem várias associações da figura do candidato à ideia do mito político, por meio de forte apelo à sua peculiaridade biográfica e ao ineditismo que permeia o significado da sua vitória em âmbito mundial. Nosso objetivo é discutir esse papel do jornalismo como lugar de articulação e operador da memória do personagem político, através da análise comparativa da maneira como a imagem do candidato foi apresentada nas revistas semanais de informação *Time* e *Veja*. Do ponto de vista teórico, discute-se a noção de memória numa abordagem contextualizada com as relações temporais

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político (GT8), V Encontro Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, V Congresso da Compólitica, na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 08 a 10 de maio de 2013.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do GRIS – Grupo de Estudo e Pesquisas Imagem e Sociabilidade. Bolsista Capes. E-mail: micheletavaresjor@yahoo.com.br.

³ Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, integrante do GRIS - Grupo de Estudos e Pesquisas Imagem e Sociabilidade. E-mail: eantunes@ufmg.br.

acionadas pelo período eleitoral e que se materializam no discurso jornalístico. Do ponto de vista metodológico, a reflexão ampara-se na noção de *framing* (enquadramento), aplicada aos estudos de mídia, que busca compreender como os “quadros” geram significados para as pessoas e para a forma como elas se conduzem no mundo. Desse modo, experimentou-se a elaboração de um mapeamento inicial dos enquadramentos que privilegiam o passado biográfico de Barack Obama, identificando o que é acionado e como é acionado pelo discurso jornalístico, numa tentativa de iniciar a caracterização de elementos que acionam certa dimensão mítica para apresentação do personagem político em questão.

1. Os Estados Unidos e as Eleições 2008: Um breve cenário

No início de 2008, momento em que é dada a largada para a corrida das Eleições Primárias (Primary Election⁴), o cenário político nos Estados Unidos é caracterizado por uma forte crise e recessão econômica, pelo estouro da bolha imobiliária que desarticulou as finanças do país, o aumento da taxa de desemprego, a elevação da inflação ocasionada pela dependência econômica do petróleo, os gastos com uma guerra “mal administrada”, além de uma série de fatores que contribuía para uma percepção de fragilização do poderio norte americano (CROTTY, 2009). Neste cenário, o então jovem senador democrata Barack Obama emerge como uma aposta de ‘mudança’ e ‘novidade política’ numa disputa que inovou o modo de fazer política nos EUA ao combinar o discurso igualitário e transformador com ferramentas tecnológicas, como o uso da Internet, que ajudavam a disseminar suas ideias, projetos e captar recursos e voluntários para a saga eleitoral.

Após a vitória apertada sob a candidata Hillary Clinton nas Eleições Primárias, em junho de 2008, Obama ganha a indicação do Partido Democrata para concorrer como candidato oficial nas Eleições Gerais, ocorridas em novembro do mesmo ano. Os holofotes da mídia mundial se direcionam às peculiaridades que transbordam de sua biografia e trajetória política e promovem em si uma ampla discussão sobre as consequências da possível vitória de um candidato negro, com certa inexperiência política, mas imbuído de um discurso pacifista e renovador.

⁴A primeira etapa do processo eleitoral nos Estados Unidos corresponde às Eleições Primárias, quando os partidos Democratas e Republicanos escolhem os candidatos oficiais que concorrerão à presidência nas Eleições Gerais (General Elections). As primárias ocorrem ao longo do primeiro semestre do ano eleitoral, com a tradicional disputa nos meses de janeiro e/ou fevereiro nos estados de Iowa e New Hampshire, finalizando a eleição no mês de junho. Disponível em: <http://www.usa.gov/Citizen/Topics/Voting/Learn.shtml>.

Naquele momento também se esperava dele um desempenho heroico, quase messiânico, sobretudo nas questões referentes à política internacional, tais como propostas para balizar a guerra contra o terrorismo, promover a paz no Oriente Médio, dar mais atenção à América Latina, entre tantas apostas depositadas no personagem político que traz em si a marca da globalidade biográfica (nasceu no Havaí, filho de Barack Obama, negro, economista queniano, e de Ann Dunham, branca, antropóloga americana, morou na Indonésia e estudou direito em Harvard).

Havia, portanto, um contexto social, político e econômico que mobilizou os norte-americanos a votar em Barack Obama, como primeiro presidente negro dos Estados Unidos, num país marcado pelas lembranças do segregacionismo e com o comparecimento recorde de eleitores às urnas. Obama venceu a disputa em 2008 contra o republicano John McCain, registrando 52% contra 46% na votação popular, e no Colégio Eleitoral excedeu de forma folgada a fasquia mínima de 270 votos, assegurando 349 dos 538 votos do corpo de grandes eleitores⁵. Outro aspecto deve ser considerado neste pleito eleitoral norte-americano: a participação de quase 66% dos 153,1 milhões de eleitores, registrando a maior taxa desde 1960, quando 64,9% do eleitorado foi às urnas na disputa entre John Kennedy e Richard Nixon.

Neste cenário de números, Obama, que também é advogado e cientista político, é eleito o 44º presidente dos Estados Unidos, com uma vitória construída e alicerçada, sobretudo, na simpatia e popularidade que dinamizaram os slogans que davam a sua campanha e candidatura a aura da empreitada coletiva (tais como “*Yes, we can*”, “*We are the ones we’ve been waiting for*”, “*...if you’re ready for change*”). Ora retratado como fenômeno da democracia norte-americana ou como bálsamo para as feridas abertas pelo antecessor George W. Bush, Obama recebe como herança uma administração considerada por muitos ‘desastrosa’ e a missão de ‘endireitar’ a casa e reconquistar o respeito do mundo em relação ao poderio dos Estados Unidos.

Na configuração desse cenário destaca-se o papel da mídia na difusão de informação fundamental para consagrar a imagem do líder político popular. É imprescindível considerar o discurso midiático como instrumento não somente formador de opinião, mas ferramenta que agrega valor e atribui sentidos ao personagem político, reforçando e/ou desmistificando determinadas simbologias. É a partir de tal perspectiva que refletimos acerca de certa dimensão mítica que permeia o personagem

⁵ Fonte: <http://ww1.rtp.pt/noticias/?article=371376&visual=26&tema=43>

Barack Obama nos relatos jornalísticos, sinalizando tal aspecto a partir da análise de enquadramentos que organizam os elementos biográficos de tal figura política.

Desse modo, considerando como objeto empírico a cobertura jornalística das revistas semanais de informação *Time* (EUA) e *Veja* (Brasil), em quatro recortes episódicos – início e término das Eleições Primárias (*Primary Elections*), término das Eleições Gerais (*General Elections*) e Posse (*Inauguration*) – este artigo tem como objetivo principal discutir o papel do Jornalismo como lugar de articulação e operador da memória do personagem político, através da análise comparativa da maneira como a imagem de Barack Obama foi apresentada nas revistas ao longo do ano eleitoral. Do ponto de vista metodológico experimentou-se a elaboração de um mapeamento dos enquadramentos que privilegiam o passado biográfico do personagem político Barack Obama, identificando o que é acionado e como é acionado pelo discurso jornalístico.

2. Os elementos biográficos do discurso jornalístico como operadores da memória

Retornar ao debate do valor histórico da vitória de Barack Obama e ao contexto sociopolítico de inserção do personagem político em nível mundial não significa reproduzir uma historicidade romântica apoiada em eventos cronológicos, sobretudo na composição do discurso jornalístico. Considerando a peculiaridade biográfica e o ineditismo que permeia o significado de sua eleição, este artigo é motivado pelas seguintes indagações: Como o discurso jornalístico de cobertura das eleições elege elementos biográficos para caracterizar o evento? Que enquadramentos marcam o discurso jornalístico no estabelecimento dessa “biografia”, de forma a caracterizar a peculiaridade e significado histórico da vitória de Obama?

A tentativa de compreender como a imagem de Obama foi apresentada pelas revistas ao longo do ano eleitoral, a partir de elementos biográficos, impõe-nos a necessidade de caracterizar certas noções de tempo e memória para adiante observar como elas se materializam no discurso jornalístico.

O jornalismo e a memória possuem uma relação simbiótica e, ao mesmo tempo, desigual: são campos que sabem da existência mútua, admitem intersecções e se tornaram fenômenos autônomos, sem demonstrar dependência um do outro. Em linhas gerais, o jornalismo precisa do trabalho de memória para contextualizar o recontar de eventos públicos, ao passo que a memória precisa do jornalismo para fornecer um “rascunho público” dos acontecimentos. Nesse sentido, os jornalistas exercem então um papel vital e crítico de agentes da memória (ZELIZER, 2008).

Entretanto, os jornalistas ajustam a rememoração e as reconstruções dos acontecimentos não apenas tomando como referência eventos passados, mas também de acordo com sua agenda e pauta de notícias. O recorte do passado que é retomado no texto e o tipo de futuro que é especulado depende do que os editores e jornalistas acreditam em âmbito público, das convenções jornalísticas e das ideologias pessoais (ZELIZER, 2008). Mas, o fato é que as referências ao passado ajudam os jornalistas a dar sentido ao presente, estabelecendo relações, sugerindo inferências, atuando como critério para medir a magnitude e o impacto de determinado evento, oferecendo analogias e explicações (LANG e LANG citado por ZELIZER, 2008).

Segundo Zelizer (2008), o passado apresenta-se como um rico repositório disponível aos jornalistas para explicar determinados eventos. De fato, compreendemos o mundo através de narrativas culturais que perduram porque são socialmente construídas e também circulam socialmente, não apenas através do jornalismo como também por meio da literatura, folclore, teatro, arte, entretenimento midiático, entre outras formas de comunicação. Mas, o jornalismo especificamente constitui um extenso repertório narrativo ao qual retomamos a memória para compreender os acontecimentos ao nosso redor. Seu sistema simbólico é mais duradouro: seja uma história sobre corrupção política, o triunfo de um atleta ou um grave acidente, seu enredo básico e os personagens ficam registrados em nossa memória (KITCH, 2011a; KITCH, 2012b).

No caso da cobertura de eventos historicamente importantes há uma forte dimensão moral atribuída à natureza da cerimônia. Neste sentido, os jornalistas não são apenas testemunhas, mas condutores da extensa cerimônia cultural, política e histórica que acontece na sociedade e, ao trazer o presente para a perspectiva do passado, proporciona uma relação de familiaridade. Eles são construtores de memória social, criam documentos históricos, como as reportagens e as imagens icônicas para que no futuro possamos lembrar quem somos e como nos sentíamos (KITCH, 2011a; KITCH, 2011b).

Cabe ressaltar que a construção da memória coletiva não é intencional na prática jornalística, mas determina-se pela força cultural externa ao campo. Ela pode ser apreendida a partir de duas perspectivas: por um lado, os jornalistas fazem referência direta a algum fato histórico para que se possa compreender o evento no presente; por outro, a memória coletiva não se refere ao tempo histórico, mas à forma como a sociedade se lembra do fato em termos de valores e normas (BERKOWITZ e RAAII, 2010; BERKOWITZ, 2011).

A articulação entre memória e jornalismo, no caso específico desse artigo, precisa levar em conta as temporalidades próprias da política. Por se tratar de um recorte episódico que registra quatro momentos do processo eleitoral nos Estados Unidos (início e término das eleições primárias, resultado das eleições gerais e posse), partimos da necessidade de compreender a complexidade dos eventos aplicada à noção de tempo político e suas diferentes durações.

Considerando o calendário político de um Estado, pinçamos as eleições presidenciais como evento que impõe coletividade ao tempo político, que se repete periodicamente, de quatro em quatro anos, como acontece nos Estados Unidos. Situamos os eventos conforme precedem ou seguem certas cesuras da nossa existência – uma morte, uma guerra, uma cerimônia familiar, laica ou religiosa, por exemplo – quebrando a continuidade cronológica da passagem do tempo e permanecendo na memória dos indivíduos (POMIAN, 1993). Segundo Pomian, na história de cada país as eleições por um lado invocam o passado para mostrar progressos alcançados ao longo do mandato e, por outro, se voltam para o futuro para anunciar os que serão realizados. Assim, o ‘tempo político’ é muitas vezes descrito como linear e orientado (mesmo comportando elementos cíclicos) e também irreversível, pois marca rupturas fundadoras e abre-se para o futuro infinito. Com o período eleitoral, portanto, estamos diante da problemática das relações presente, passado, futuro ou, para pensarmos com Hartog (2013) e Koselleck (2006), de uma composição peculiar de memória, atenção e expectativa.

Para Bakhtin (2011), a capacidade de ver e ler o tempo no todo espacial do mundo equivale à capacidade de ler os indivíduos no curso do tempo em tudo, desde a natureza até as regras e ideias humanas. A busca por vestígios visíveis do tempo histórico é capaz de trazer à tona as contradições socioeconômicas, cujas manifestações mais profundas e sutis se apresentam nas relações e ideias humanas. Esse despertar do sentimento do tempo está associado à questão da visibilidade:

Todos os demais sentimentos exteriores, a vivência interior, as reflexões e conceitos abstratos se uniram em torno do olho que vê como seu centro, como a primeira e última instância. Tudo o que é essencial pode e deve ser visível; tudo o que é invisível é secundário (BAKHTIN, 2011, p.227).

Os objetos e fenômenos se manifestam como remanescentes ou relíquias dos diferentes graus e formações do passado e como embriões de um futuro mais ou menos distante (BAKHTIN, 2011). E o ‘olho que vê’ procura e encontra em toda parte o tempo, o que está em formação e as marcas da história. Assim, é justamente em

contextos de grande mobilização coletiva, como as eleições, que vemos emergir com facilidade os laços necessários do passado com o presente e o futuro. É quando fragmentos de um passado isolado são pinçados estrategicamente, constituindo ‘fantasmas’ detestáveis ou grandes trunfos de campanha. Mas, esse passado eficaz, que determina o presente, fornece determinada direção para o futuro. E os aspectos biográficos que marcam o personagem político Barack Obama o transformam no que Bakhtin (2011) denomina como “homem historicamente ativo”:

[...] ele constrói, seca pântanos, lança caminhos através das montanhas e rios, trabalha as jazidas do subsolo, elabora os vales a serem lavrados, etc. Está assegurado o caráter essencial e necessário da atividade histórica do homem, E se ele vier a travar guerras será compreensível a maneira como ele irá travá-las (BAKHTIN, 2011, P.240).

Assim, cabe-nos pensar que a vitória presidencial de Obama nos Estados Unidos marca um tempo histórico e simbólico seja em termos políticos como também em termos biográficos devido à peculiaridade de vida do personagem. E, práticas como reescrever histórias, visitar eventos passados, retomar eventos históricos ou comemorativos, marcam a regularidade do fazer jornalístico que, por sua vez, combina forma e conteúdo convencionados pelas organizações midiáticas.

Mas, ao pensar a construção biográfica no jornalismo nos deparamos com a forma como as revistas semanais de informação convocam certos elementos das trajetórias dos sujeitos operacionalizando a noção de memória e estabelecendo relações presente-passado/passado-futuro no discurso jornalístico. Neste sentido, é possível perceber pouca reflexão sobre a maneira de lidar com a “história de uma vida particular” a partir do texto de reportagens propriamente ditas, configurando assim lacunas e limitações nos estudos recentes e que motivam, por sua vez, a proposta deste artigo.

3. Enquadramentos e Eleições: foco na história dos personagens políticos

Na análise da cobertura do resultado das eleições nos Estados Unidos em 2008, com a vitória de Obama, percebe-se a mistura de certos procedimentos compositivos que remetem ao eixo da temporalidade e da referência ao enquadrar os fragmentos biográficos do candidato (TAVARES, 2012). A narrativa das revistas semanais de informação, a brasileira *Veja* e a britânica *The Economist*, para além de uma identidade própria do dispositivo e as tonalidades discursivas que ganham contornos de acordo com o perfil da linha editorial de cada veículo, permite perceber forte apelo à peculiaridade biográfica do personagem e ao ineditismo que permeia o significado

daquela vitória em âmbito mundial. Neste sentido, a recuperação do passado biográfico de Obama se materializa na utilização de referências em termos de experiência de vida como também em termos de expectativa para as relações internacionais.

Ao direcionar o olhar para a composição verbo-visual das capas das revistas a análise identificou quatro possibilidades de agrupamento dos aspectos históricos e biográficos: experiência (no sentido de origem, classe social); expectativa (forma como são apresentados desafios para o futuro, capacidade para gestão pública); marco histórico (representatividade da vitória do candidato como expressão de certa transgressão histórica para o país e para o mundo, novidade, apelo a datas); e identidade nacional (orientada para a apresentação de uma ideia de supremacia da nação, apelo visual às cores da bandeira do país) (TAVARES, 2012).

Nesse sentido, indica-se que os discursos de *Veja* e *The Economist* seguiram um roteiro categórico-argumentativo que privilegiou o enquadramento de determinados aspectos biográficos de Obama, numa constante alusão temporal “passado-futuro”. Entretanto, a referência aos elementos biográficos do personagem é peculiar à linha editorial e ao público alvo de cada revista. No caso da cobertura da vitória de Barack Obama, os aspectos históricos reforçam o ineditismo e as peculiaridades que permeiam o universo simbólico das eleições nos Estados Unidos e os impactos do resultado em nível mundial. Tanto em *Veja* como em *The Economist* o texto jornalístico costura a linha temporal ‘passado-futuro’, mais que o viés ‘presente-passado’. No entanto, a vitória como elemento factual é o permanente fio condutor que sustenta o discurso das reportagens.

A reportagem ‘*Obama, a resposta*’ (Figura 1) mantém uma linearidade discursiva ao abordar em toda sua extensão a questão da supremacia norte-americana e a capacidade de se reinventar que os Estados Unidos possuem, marcando assim a predominância da categoria histórica. A nacionalidade americana é destacada e o elemento biográfico resgatado é a origem de Obama, sua nacionalidade, etnia e estrutura familiar, que se dilui na força impactante da vitória em si e das rupturas que ela representa.



Figura 1: Reportagem 'Obama, a resposta' (Veja, 12/11/2008).

Ao caracterizar a recorrência de certos elementos biográficos na forma como o discurso das revistas faz apelo a certa dimensão mítica em torno do personagem político Barack Obama, é possível então indagar que enquadramentos privilegiam esse 'passado' estabelecendo relações temporais fundamentais à compreensão da maneira como a imagem de Obama foi apresentada pelas revistas *Time* e *Veja* ao longo do ano eleitoral.

A cobertura jornalística das eleições presidenciais oferece por natureza uma representação fortemente seletiva de aspectos da vida dos candidatos que entram na corrida pelo cargo mais alto da nação. Entre os temas em destaque, a personalidade, o estilo e o caráter muitas vezes se sobrepõem em relação às plataformas políticas que diferenciariam as propostas de campanha. Do mesmo modo, os consumidores midiáticos frequentemente julgam primeiro os candidatos pelo caráter e, em seguida, deslocam a atenção para as questões de campanha (BERKOWITZ e RAAII, 2010).

A análise dos elementos biográficos presentes no discurso das revistas de informação acerca da cobertura presidencial a partir da noção de *framing* (enquadramento) justifica-se não só pela proposta metodológica dessa noção teórica, mas também pelo lugar de destaque que ocupa nos estudos dos meios de comunicação. Segundo Sádaba (2007), muitos acadêmicos recorrem a esta teoria para analisar o comportamento da imprensa na cobertura de diversas temáticas, como cobertura de eleições, discursos políticos, corrupção política, entre outros. Em suas origens, a teoria do enquadramento busca dar resposta ao modo como os homens conhecem e agregam significado aos acontecimentos ao seu redor (SÁDABA, 2007).

A autora reconhece a capacidade dos meios de chegar a públicos massivos e, por isso, destaca a necessidade de analisar os enquadramentos aos quais a audiência está exposta, uma vez que esses 'quadros' geram significados para as pessoas e para a forma como elas se conduzem no mundo. Assim, os significados da realidade difundidos pelos

meios de comunicação e sua repercussão para as audiências se configuram como principal objeto de estudo desta teoria (SÁDABA, 2007). Tal era a perspectiva defendida por Entman (1993) para quem o conceito do *framing* oferece uma forma de descrever o poder de um texto de comunicação, pois mostra exatamente como os quadros se tornam embutidos e se manifestam em um texto, ou como o enquadramento influencia o pensamento.

Análises de quadros iluminam a forma precisa através da qual a influência sobre a consciência humana é exercida pela transferência (ou comunicação) da informação de uma localização (seja um discurso, elocução, reportagem, novela) para aquela consciência (ENTMAN, 1993, p.53).

Entman (1993) identifica quatro funções do *frame*: definir problemas, diagnosticar causas, emitir julgamentos morais e sugerir soluções e reconhece pelo menos quatro localizações dos frames no processo de comunicação: o comunicador, que faz julgamentos de enquadramentos de forma consciente ou inconsciente; o texto, com quadros que são manifestados pela presença ou ausência de palavras chave, frases de estoque, imagens estereotipadas, fontes de informação reforçando julgamentos; o receptor, ressaltando que o pensamento e a conclusão podem ou não refletir os quadros do texto e a intenção de enquadramento do comunicador; e por fim, a cultura, com seu conjunto de quadros comuns exibidos no discurso e no pensamento da maioria das pessoas de um grupo social.

Para identificar a presença dos enquadramentos construídos e personificados é necessário observar aspectos tais como as palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na notícia narrada (ENTMAN apud COLLING, 2001). Segundo Entman (1993) esse processo de enquadramento engloba não apenas seleção como também destaque, ou seja, tornar um pedaço de informação mais notável, significante ou memorável para audiências.

No caso da cobertura de política, os personagens políticos são obrigados a competir com outros políticos e com os jornalistas para criar novos enquadramentos de modo que o *frame* no texto informativo acabe exercendo a marca do poder político. Para Gross e Brewer (2007), os jornalistas às vezes organizam essa temática em termos de políticas públicas, que consiste nos detalhes das propostas como também os prós e contras. Entretanto, um quadro mais comum dentro do jornalismo político contemporâneo se refere ao conflito. Eles argumentam que a cobertura que usa este

frame apresenta a política como uma corrida de cavalos, uma batalha militar ou um esporte, tendo como exemplo a agenda eleitoral.

Os esportes não podem existir sem competição [...] Você precisa de alguém para vencer e alguém para perder. Ao contrário, não é um jogo, mas um hobby. O controle do conflito está no coração de cada esporte. Política eleitoral é da mesma forma – alguém vai ganhar a corrida e alguém perderá, e os interesses giram em torno disso (FALLOWS citado por GROSS E BREWER, 2007, p. 123).

Para Maia (2009), a política é tipicamente competitiva, pois apresenta frequente luta entre grupos de interesse, partidos políticos ou grupos sociais, além de diversas formas de pensamento e quadros ético-morais, de modo que as questões são enquadradas em termos conflitantes. Considera-se, portanto, que a escolha de determinados *frames* em detrimento de outros favorece importantes implicações para a prática do jornalismo político e da democracia, uma vez que o *frame* indica a essência da questão. O estilo da cobertura jornalística em combinação com a ênfase nas motivações de interesse dos políticos constitui o ‘jogo’ ou o quadro ‘estratégico’ que tem sido o foco de muitas pesquisas (GROSS e BREWER, 2007).

O fato é que muitos estudos têm avançado de forma que ampliem a compreensão de como os *frames* das notícias podem influenciar a compreensão dos indivíduos. Neste sentido, Zhou (2008) contribui ao citar pelo menos seis termos genéricos que caracterizam o enquadramento das reportagens. Segundo o autor, os termos genéricos das reportagens podem não ser determinantes para alcançar um entendimento detalhado sobre as interpretações da mídia sobre os sujeitos ou temas em questão, mas podem ajudar os pesquisadores do enquadramento a lidar com as limitações e tornar possível a comparação entre culturas e generalizar os diferentes contextos.

4. Um exercício: Mapeando os ‘Enquadramentos Biográficos’ em *Time* e *Veja*

A representatividade de Barack Obama em âmbito mundial e a presença constante na cobertura da imprensa nacional e internacional, em consonância com a representatividade editorial das revistas e a diferenciação da linha editorial, justificam a escolha dos títulos analisados. Segundo dados publicados no *World Magazine Trends 2010-2011*, em termos numéricos, a *Time*, do grupo Time Inc. (USA) e a *Veja*, da Editora Abril (Brasil) representam os maiores títulos com publicação semanal, na categoria genérica que engloba economia, negócios e notícias mundiais: a revista norte-americana *Time*, apresenta a maior circulação média em nível mundial, com cerca de 3.350.415 exemplares; a brasileira *Veja*, apresenta-se entre as maiores revistas de

circulação mundial, sendo nacionalmente a mais representativa em termos numéricos, com circulação média de 1.097.485 exemplares.

Para analisar como a imagem de Barack Obama foi apresentada nas revistas ao longo do ano eleitoral, estabeleceu-se algumas etapas de investigação. Entre elas:

1) A catalogação das edições de *Veja* e *Time*:

A proposta inicial era analisar apenas o período oficial de campanha referente às Eleições Gerais dos Estados Unidos, que abrange os meses de junho a novembro de 2008. Entretanto, ao catalogar as edições das revistas a partir de janeiro do mesmo ano, foi possível perceber a presença constante da estratégia de recuperação de alguns elementos do passado biográfico de Obama na cobertura jornalística a partir do início das Eleições Primárias. Desse modo, tomando como parâmetro a cronologia das principais etapas das eleições norte-americanas, optou-se por analisar *Time* e *Veja*, em quatro recortes episódicos que marcam o ano eleitoral⁶: início e término das Eleições Primárias (*Primary Elections*), correspondente aos meses de janeiro e junho, respectivamente, término das Eleições Gerais (*General Elections*), ocorrida no mês de novembro, e a Posse (*Inauguration*), que acontece no final de janeiro de 2009.

No total, foram analisadas cinco edições de cada revista, que noticiam os referidos momentos eleitorais (Tabela 1). A extensão desses períodos de análise favoreceu a seleção de um *corpus* considerável para verificação dos questionamentos que motivam este artigo. Entretanto, cabe destacar que foram considerados como elementos de análise as capas das edições, os editoriais, as reportagens e os textos opinativos (colunas) com referência direta a Barack Obama. Optou-se por, nesse primeiro momento, não diferenciar e dissociar os gêneros informativos dos opinativos para que fosse possível observar a disposição dos elementos biográficos ao longo de toda a composição editorial das revistas.

Tabela 1: Disposição do Corpus de Análise ao longo dos Episódios Eleitorais

Episódio Eleitoral	Destaque na Capa		Editorial		Nº de Reportagens		Nº de Opinativos	
	Veja	Time	Veja	Time	Veja	Time	Veja	Time
Início das Primárias	margem superior	margem superior	Não	sim	2	4	-	-
Término das								

⁶ Calendário Eleitoral norte-americano de 2012, disponível em: http://www.eac.gov/assets/1/Documents/election_calendar.2012.pdf

Primárias	manchete	margem superior	Sim	sim	2	3	-	1
Término das Eleições Gerais	manchete	Manchete	Sim	sim	7	5	2	5
Posse	manchete	Manchete	Não	não	6	4	-	3
	margem superior	Manchete	Não	sim	3	2	-	1

2) A realização de um mapeamento temático:

Em seguida, buscou-se realizar um mapeamento temático das edições das revistas com o objetivo de destacar os principais temas associados à figuração de Barack Obama ao longo da cobertura de *Time* e *Veja*, seja nas capas como também nas reportagens e nos textos opinativos.

Leitura Temática das Reportagens e Textos Opinativos

De modo geral, as revistas apresentam uma pequena variação entre os subtemas agrupados no quadro das temáticas gerais (Tabela 2). A temática ‘pessoal’ engloba as questões que se referem à identidade individual de Obama, tais como seu perfil como político, suas ideias, slogan, sua identidade e estrutura familiar. Em *Veja* percebe-se que o texto jornalístico explora o perfil de Obama de forma diferente do que é apresentado pela revista *Time*: enquanto a primeira figura o personagem político através de atributos como a juventude, a dinâmica e o talento retórico ao longo de todas as etapas das eleições, a segunda o apresenta no início das primárias como um candidato com estilo, porém sem substância, mas altera sua representação ao final da campanha reconhecendo seu carisma e sua intelectualidade. O ‘slogan’ atribuído a Obama também é outro ponto divergente entre as revistas. *Veja* apresenta-o como o ‘presidente negro’, desde as Primárias até o resultado final das Eleições Gerais, variando para ‘presidente-celebridade’ somente na cobertura da posse. *Time*, por sua vez, explora como slogan os atributos de campanha de Obama – ‘*Mr.Change*’ (Senhor Mudança) – ou a representação do salvador - ‘*a Messiah*’ (um Messias).

A temática ‘Estados Unidos’ refere-se à ligação entre a figura de Barack Obama, enquanto personagem político, e a simbologia histórica e política dos Estados Unidos. Neste grupo, os subtemas também apresentam uma variação pontual, sobretudo no tocante ao debate sobre a ‘questão racial’, que em *Veja* é abordada a partir de uma

apreensão histórica ligada principalmente à figura de Martin Luther King, enquanto que a revista *Time* explora a diferenciação racial de forma mais acentuada numa perspectiva factual sobre a intenção de votos. Outro aspecto divergente nesta temática é questão do subtema ‘relações internacionais’, cuja abordagem da revista brasileira enfatiza as relações políticas entre Estados Unidos e América Latina, ao passo que a revista norte-americana enfoca nas questões políticas e intervenções dos EUA no Oriente Médio.

E, por fim, ‘eleições’ agrega os temas de campanha que remetem ao perfil de Obama enquanto personagem político na arena da disputa eleitoral. Neste grupo temático, a revista *Time* diferencia-se da abordagem de *Veja* de forma significativa, pois a norte-americana prioriza nas reportagens e textos opinativos as informações referentes à corrida eleitoral numa perspectiva de saga e caminho a ser percorrido. *Time* explora também a inovação política da forma de fazer campanha da equipe de Obama, o uso da Internet e sua imagem como fenômeno político.

Tabela 2: Temáticas Associadas à Figuração de Barack Obama em *Veja* e *Time*

Temática Geral	Revista <i>Veja</i>	Revista <i>Time</i>
Pessoal	Novidade Política Mudança e Renovação Reconciliação Igualdade Ideias Transformadoras Tolerância Política Perfil (jovem, dinâmico , inexperiência política, talento retórico , carisma, urbanidade , intelectual) Slogan (negro, celebridade) Identidade Familiar Estrutura Familiar Identidade Globalizada	Novidade Política Mudança e Renovação Ideias Transformadoras Perfil (estilo, sem substância , inexperiência política, carisma, intelectual) Slogan (mudança, esperança, o Messias , negro) Identidade Familiar Intimidade Familiar Estrutura Familiar Identidade Globalizada
Estados Unidos	Marco Histórico História Política dos Estados Unidos Supremacia Norte-Americana Questões Raciais (apelo histórico: segregação racial nos Estados Unidos, conflitos raciais) Menção e/ou comparação com outros presidentes norte-americanos (John Kennedy, Ronald Reagan, Franklin Roosevelt, John Adams, Dwight Eisenhower , George W. Bush, Abraham Lincoln, Herbert Hoover , Bill Clinton, Woodrow Wilson , Menção e/ou comparação com outros líderes políticos negros norte-americanos (Jesse Jackson, Martin Luther King)	Marco Histórico Supremacia Norte-Americana (Poder Democrático) Questões Raciais Menção e/ou comparação com outros presidentes e/ou líderes políticos norte-americanos (John Kennedy, Ronald Reagan, Franklin Roosevelt, John Adams, George W. Bush, Abraham Lincoln, Bill Clinton, Jimmy Carter, Woodrow Wilson, Richard Nixon) Menção e/ou comparação com outros líderes políticos negros norte-americanos (Jesse Jackson, Martin Luther King, Shirley Chisholm, Al Sharpton, Alan Keyes)

	Mudança no modo de fazer política Relações internacionais: América Latina Crise Econômica	Mudança no modo de fazer política Relações Internacionais: Oriente Médio (Iraque, Afeganistão, Paquistão) Terrorismo Crise Econômica Poderio Militar
Eleições	Comparação com outros candidatos (Hillary Clinton, McCain) Intenções de Voto (brancos, negros, latinos , mulheres) Fenômeno Político (Obamamania, Oba-obamismo)	Corrida Eleitoral: saga política e história de campanha Comparação com outros candidatos (Hillary Clinton, McCain) Intenções de Voto (jovens , brancos, negros, mulheres) Tecnologia e Campanha: Uso da Internet Filosofia e Equipe de Campanha Fenômeno Político (Obamamania, Indústria Cultural, Marcas)

*Foram destacados apenas os subtemas divergentes

Leitura Temática das Capas – Obama e as Manchetes

Numa abordagem comparativa, percebe-se certo equilíbrio no destaque concedido ao tema geral ‘eleições norte-americana’ na capa das revistas. O personagem político Barack Obama é notícia de capa seja nos dois países nos quatro momentos eleitorais, variando apenas a dimensão do destaque – ora uma pequena manchete no canto esquerdo da margem superior da página concorrendo com outras notícias, ora como manchete única da capa. Convém ressaltar que o destaque na margem superior é percebido a partir do início das Eleições Primárias. Neste momento eleitoral, as revistas noticiam a disputa dos candidatos pela indicação dos partidos para concorrerem nas Eleições Gerais. Obama venceu a disputa em Iowa, mas perdeu para Hillary Clinton em New Hampshire. Por se tratar ainda de um ‘político inexperiente’, mas que apresenta um bom desempenho na disputa, as edições de *Veja* (2043, 16/01/08) e *Time* (vol.171, n.3, 21/01/08) sinalizam a presença do candidato como alternativa de **mudança** (*Mr. Change*) e **esperança** na campanha presidencial (Figura 2).





Figura 2: Destaque na Margem Superior das Capas - Atributos “Esperança” (Veja) e “Mudança” (Time)

Com o término das Primárias e com a indicação de Obama como candidato oficial do Partido Democrata, amplia-se o destaque na capa de *Veja* (ed. 2064, 11/06/08), onde ele passa a ocupar a página como manchete única (Figura 3), embora sua imagem esteja condicionada ao apelo ideológico do **poderio norte-americano**, mesmo em estado de crise: “Ele pode ser o homem mais poderoso do mundo”, caso vença as eleições gerais em novembro. Em *Time* (Vol.171, n. 24, 16/06/08), por sua vez, ele ainda permanece na margem superior, porém de forma implícita convoca o leitor a pensar no tema ‘**mudança**’ ao sugerir um título interrogativo “*Why politics will never be the same*” (Por que a política numa mais será a mesma). A reportagem de capa destaca que a forma de fazer política utilizada pela equipe de campanha de Obama, que usa as ferramentas de tecnologia e a Internet como grandes aliados, modificaram as tradicionais estratégias utilizadas até então pelos outros candidatos norte-americanos.



Figura 3: Término das Primárias – Destaque nas Capas das Revistas

Com o resultado final das Eleições Gerais, o significado do ineditismo da vitória de Obama para os Estados Unidos e para o mundo tornou-se o destaque das capas das revistas. Ambas as edições ‘especiais’ de *Veja* e *Time* (Figura 4) utilizam o mesmo enquadramento que enfatiza de forma implícita a ‘**força política norte-americana**’ em detrimento de sua peculiaridade biográfica: ressaltam a data cronológica em que Obama

é eleito o 44º Presidente dos EUA (4 de novembro de 2008), seguida de uma frase do discurso do candidato. No caso da revista *Time* (Vol.172, n.20, 17/11/08), o enfoque remete ao slogan de ‘**mudança**’ amplamente proferido por Obama na campanha – “*Change has come to America*” (A mudança chegou à América). Ao passo que *Veja* (ed.2086, 12/11/08) ressalta a força da democracia norte-americana.



Figura 4: Resultado das Eleições

A cobertura da posse de Obama esteve em pauta em duas edições, em ambas as revistas. A cerimônia ocorreu no dia 20 de janeiro de 2009 e, devido à data de fechamento das edições, optou-se por incluir as duas edições de cada revista para uma melhor apreensão da análise. Na edição de *Time* que enfatiza a prévia da posse (*Inauguration Preview*, Vol.173, n.3, 26/01/09), destaca-se a imagem do novo presidente e os **desafios** que o aguardam, porém com expectativas positivas. Na edição seguinte (*Commemorative Issue*, Vol.173, n.4, 02/02/09), a revista mais uma vez destaca a data cronológica da cerimônia de posse, enfatizando através do registro fotográfico, o momento em que Obama reafirma seu compromisso com o país em juramento, ao lado de sua esposa Michelle Obama. Neste registro visual é possível destacar dois aspectos temáticos implícitos: a **nacionalidade** de Obama e a o valor da **família** representado pela primeira dama.

Veja, por sua vez, sugere na edição ‘Especial Estados Unidos’(ed.2096, 21/01/09) que a chegada de Obama possui um **simbolismo histórico** para os Estados Unidos, através do questionamento “Fim do império ou começo de mais um século americano?”. Na mesma capa, destaca o mundo, a economia, a sociedade, a cultura, a tecnologia e o militarismo, como os principais temas que desafiam o novo presidente, antecipando assim os assuntos que serão abordados na edição. Na edição seguinte (ed.2098, 28/01/09), a revista reduz o destaque publicando apenas uma pequena

manchete na parte superior da capa, que enfatiza a postura de Obama no pronunciamento do discurso de posse.



Figura 5: Cobertura da Posse de Obama

3) A definição dos enquadramentos biográficos:

E, por fim, diante da extensão e volume de temáticas genéricas associadas ao personagem político, iniciou-se o exercício de refinamento dos enquadramentos que acionam o passado biográfico de Obama no discurso das revistas. O esforço metodológico consistiu em agrupar temáticas de naturezas semelhantes numa tipologia que sintetizasse os elementos biográficos em consonância com as relações temporais que eles acionam. Cabe ressaltar que muitas temáticas podem se repetir em alguns tipos de enquadramentos biográficos a depender da função que ocupa no discurso jornalístico.

A seguir, apresentamos a definição de oito tipos de enquadramentos biográficos, cuja conceituação sugere-se a partir do entendimento gerado pela leitura dos textos analisados, com o objetivo de compreender qual é a natureza da operação de estabelecer relações temporais com a qual as revistas acionam os elementos biográficos.

História de vida: trata dos percursos de vida, fragmentos e experiências vividos pelo personagem político. Através desse tipo de enquadramento é possível caracterizar a prática social de Obama seja em grupo, na família ou individualmente na forma de episódios significativos que fazem a interseção entre a vida individual e o contexto social. Fazem parte deste quadro as temáticas que se referem principalmente à temática geral 'pessoal' e aos subtemas 'perfil, identidade globalizada, identidade e estrutura familiar. Os elementos biográficos são acionados no discurso jornalístico numa relação temporal passado-presente, ou seja, recorta-se um determinado acontecimento do

passado, vivenciado pelo personagem, que foi significativa e decisivo para justificar um fato situado no tempo presente, como no trecho da reportagem de *Time* a seguir, que destaca entre outros fatos o parentesco de Obama:

At a moment of obvious peril, America decided to place its fate in the hands of a **man who had been born to an idealistic white teenage mother and the charismatic African grad student who abandoned them** — a man who grew up without money, talked his way into good schools, worked his way up through the pitiless world of Chicago politics to the U.S. Senate and now the White House in a stunningly short period⁷. (*Time, How Obama rewrote the book* Vol.172, n.20, 17/11/08).



Figura 6: Obama e suas raízes – mãe, pai e avó paterna (Veja, 16/ 01/08, p.62)

Marco Histórico: caracteriza os acontecimentos que marcam certo momento histórico, provocando rupturas e/ou mudanças seja na economia, na política ou na vida social. Esse enquadramento abrange os acontecimentos considerados “divisores de águas” (o antes e o depois), ou seja, que sinalizem mudanças significativas na história norte-americana. A temática ‘Estados Unidos’, por exemplo, faz parte deste quadro. Neste caso, os subtemas são acionados no discurso jornalístico na condição de elementos históricos, marcados pela relação temporal passado-presente-futuro, onde o momento ‘presente’ é o marco que divide o a condição anterior (passado) e sinaliza o porvir (futuro). No exemplo a seguir, a revista *Time* utiliza a fala de Obama para demarcar um novo momento histórico:

Some princes are born in palaces. Some are born in mangers. But a few are born in the imagination, out of scraps of history and hope. Barack Obama never talks about

⁷ Tradução nossa: “Em um momento de evidente perigo, a América decidiu colocar seu destino nas mãos de um homem que nasceu de uma jovem mãe idealista branca e do carismático estudante africano de graduação que o abandonou - um homem que cresceu sem dinheiro, ingressou em boas escolas, trilhou seu caminho do impiedoso mundo político de Chicago para o Senado dos Estados Unidos e, agora, a Casa Branca, em um surpreendentemente curto período”.

how people see him: *I'm not the one making history*, he said every chance he got. *You are*⁸. (*Time, How Obama rewrote the book*, Vol.172, n.20, 17/11/08).

Os elementos biográficos de Obama quando acionados nesta condição tipológica, geralmente estão associados às temáticas que envolvem a ‘questão racial’, a ‘inexperiência política’ e as ‘ideias transformadoras’ (temática geral ‘pessoal’). Esse tipo de enquadramento sinaliza as expectativas dos norte-americanos e do mundo em relação ao seu desempenho como presidente e sua capacidade de governar os Estados Unidos, sobretudo diante do cenário de crise em que o país enfrenta e da herança política deixada pelo Governo Bush.



Figura 7: Veja enfatiza ruptura histórica ocasionada pela vitória de Obama nas Primárias (11/06/08, p.93).

Identidade Familiar: define-se pelo conjunto de informações que identificam a genealogia do personagem político, seja origem étnica, tradições, costumes, lugares, relações parentais que caracterizam a origem do personagem ‘Obama’ enquanto ser humano. Os subtemas associados a esse enquadramento são ‘identidade familiar’ e ‘identidade globalizada’. As relações temporais variam de acordo com o uso dos elementos biográficos. Em caso de acionamento dos ancestrais de Obama ainda vivos (avós maternos, por exemplo), trata-se de uma relação temporal passado-presente na qual este ‘passado’ não é distante, ainda permanece no agora.

⁸ Tradução nossa: “Alguns príncipes nascem em palácios. Outros nascem em manjedouras. Mas poucos nascem na imaginação, nos restos da história e da esperança. Barack Obama nunca fala sobre a forma como as pessoas o vê: Eu não sou aquele que está fazendo história, ele disse que cada chance que teve. Você é”.



Figura 8: Obama e a família paterna queniana – identidade familiar (Veja, 11/06/08, p.94-95).

Em outras circunstâncias, o mesmo uso desse enquadramento também pode acionar expectativas futuras, principalmente quando a temática ‘identidade globalizada’ é destacada. Neste caso, evidencia-se o fato de Obama trazer em si a marca de etnias diferentes – o branco e o negro – a experiência de ter morado em diferentes lugares, ter vivenciado diferentes culturas, e a partir disso, espera-se que ele possa dialogar igualmente de forma pacífica com diferentes raças, culturas, países. Na reportagem *How Obama rewrote the book* (Time, 17/11/08), destaca-se que o resultado final das Eleições Gerais não foi determinado pela questão racial, mas por uma escolha de diferentes raças, gêneros e idades:

While it may not have been much of a race in the end, it certainly was a choice: **not just black and white or red and blue or young and old**, though there was a full generation between them. Over time, it's become clear that these men view change very differently⁹ (Time, Vol.172, n.20, 17/11/08).

Traço de época: tipo de enquadramento que engloba as características de um determinado momento ou período importante que demarca cronologicamente o acontecimento de um fato, uma personalidade ou certas conjunturas. Está associado aos subtemas que fazem menção e/ou comparação com outros presidentes e/ou líderes políticos: “**Thirty years before Barack Obama, Reagan offered hope and change** to a nation sick of the status quo¹⁰” (Time, *The oficial end of the Reagan Era*, 17/11/08). Assim como o marco histórico, pode acionar no discurso jornalístico tanto elementos históricos como os elementos biográficos, através da relação temporal passado-presente-

⁹ Tradução nossa: “Embora não tenha se tratado tanto de raça no final (das eleições), certamente foi uma escolha: não apenas preto e branco ou vermelho e azul ou jovens e velhos, apesar de ter uma geração inteira entre eles. Com o passar do tempo, tornou-se claro que a opinião desses cidadãos varia muito”.

¹⁰ Tradução nossa: “Trinta anos antes de Barack Obama, Reagan ofereceu esperança e mudança a uma nação doente do status quo”.

futuro. Entretanto, a marca da dinâmica temporal produz um efeito comparativo entre duas ‘eras’ ou dois ‘períodos’.



Figura 9: O ex-presidente John Kennedy era acionado de forma comparativa a Obama em ambas as revistas (Veja,11/06/08, p.100).

Jornada: trata-se de uma abordagem mais metafórica que o sentido literal da palavra, remetendo à trajetória e ao caminho a ser percorrido por Obama, ao longo da campanha eleitoral e após a vitória. Neste sentido, o enquadramento está associado, principalmente à temática geral ‘eleições’ e aos subtemas que enfocam a trajetória de Obama na campanha eleitoral, na recorrência temporal presente-futuro. Numa perspectiva mais ampla, pode estar relacionada à caminhada necessária, ao destino que precisa ser cumprido, uma expedição atravessa décadas de lutas. É o caso da temática referente às questões raciais e o debate sobre o segregacionismo histórico nos Estados Unidos que, por conseguinte, está associado à menção de líderes como Martin Luther King. A frequente menção ao líder político resgata o tempo passado como fator que motiva a caminhada de Obama no presente e que justifica a concretização de um sonho de igualdade racial: “We are the ones we've been waiting for, he liked to say, but people were waiting for him, **waiting for someone to finish what a King began**¹¹” (*Time, How Obama rewrote the book*, Vol.172, n.20, 17/11/08).

¹¹ Tradução nossa: “Nós somos aqueles por quem nós estávamos esperando, ele gostava de dizer, mas o fato é que as pessoas estavam esperando por ele, esperando por alguém para finalizar o que (Martin Luther) King começou”.



Figura 10: A histórica luta pela igualdade racial nos EUA (Veja, 12/11/08, p.84-85)

Mensageiro: derivado da essência temática que permeia o enquadramento anterior, neste tipo Obama é figurado como aquele que é predestinado a disseminar as mensagens de tolerância, igualdade, convocar o país a realizar mudanças, sobretudo amparado numa ‘identidade globalizada e multirracial’. As temáticas que permeiam este tipo de enquadramento ficam em evidência principalmente nas reportagens que abordam as ideias transformadoras, o slogan e as intenções de voto, numa relação temporal presente-futuro. Ou seja, através das mudanças realizadas num tempo presente os efeitos dessa renovação serão sentidos de forma positiva (ou não) num tempo futuro.



Figura 11: Obama e a possibilidade de mudança, segundo Veja(16/01/08,p. 56-57)

Instantâneo: trata-se dos temas associados ao instante, ao momentâneo, agrupadas em ‘eleições’ e ‘pessoal’. Do ponto de vista jornalístico, inclui as reportagens que abordam os resultados da eleição, o balanço da campanha, entre outras ações que importam apenas à ordem do dia, ao factual. Configura-se, portanto, na esfera do tempo presente jornalístico, sem repercussões futuras ou necessidade de resgate do passado. Obama é

figurado como ‘fenômeno político’ pelas revistas, em momentos distintos da campanha. No exemplo a seguir, a revista *Time* descreve o personagem como ‘*Barack Star*’ (a estrela Barack) ainda no início das Eleições Primárias, enquanto *Veja* utiliza a expressão ‘presidente-celebridade’ (ed. 2097, 28/01/09, p.58) para caracterizá-lo na cobertura da posse:

Obama go this bounce out of Iowa, jumped in the polls and inspired people in the surrounding states to get in their cars and drive for hours to see the candidate whom headline writers started calling the **Barack Star**¹² (*Time, The Voters’ Revenge*, Vol.171, n.3, 21/01/08).

Cotidiano: entende-se como uma visada voltada para as ações que sejam habituais ao personagem, seja numa esfera social (em grupo) ou individual (personalista). Numa perspectiva mais ampla, também incluímos neste tipo de enquadramento os aspectos da personalidade de Obama, desde que seu modo de agir seja apresentado como um padrão de comportamento pelo discurso jornalístico, ou seja, um comportamento habitual que faz parte de sua conduta. Os subtemas comuns estão agrupados na temática ‘pessoal’, entre eles a intimidade e a estrutura familiar. Assim como o tipo anterior, o cotidiano remete a relação temporal de um presente continuado. A revista *Time*, por exemplo, explora pouco a intimidade de Obama, mas compara o personagem político com sua esposa Michelle Obama em termos de profissão e altura: “But Obama brings unique stature to the post. **Both professionally and physically** – at 5 ft. 11 in. (1.8 m), **she is nearly as tall as Barack** - she stands not behind her husband but shoulder-to-shoulder with him¹³” (*Time, America’s Next Top Model*, Vol173, n.3, 26/01/09).

Considerações Finais

O contato com o objeto empírico – a cobertura jornalística das revistas semanais de informação – permite uma relação sensorial de conhecimento e reconhecimento de inúmeras possibilidades analíticas. Na composição das capas, na disposição texto-imagem das reportagens ou no direcionamento opinativo de editoriais e colunas, o exercício de identificar os enquadramentos biográficos possibilita-nos fazer uma leitura de certa dimensão mítica que permeia o relato jornalístico em torno do personagem político Barack Obama em três esferas que se complementam: em nível pessoal,

¹² Tradução nossa: “Barack Obama projeta-se para fora de Iowa, saltou nas pesquisas e inspirou as pessoas nos estados vizinhos a pegarem seus carros e dirigir por horas para ver o candidato que as manchetes passaram a denominar Barack Star”.

¹³ Tradução nossa: “Mas (Michelle) Obama traz estatura exclusiva para o cargo (de primeira dama). Tanto profissional como fisicamente - (1,80 m de altura), ela é quase tão alta quanto Barack - ela não se encontra atrás de seu marido, mas ombro a ombro com ele”.

nacional e eleitoral. Além disso, os aspectos propostos “organizam” e “agregam” esses elementos biográficos e históricos, configurando operações de estabelecer relações temporais que ajudam a pensar como a biografia é acionada no discurso jornalístico. E, embora a experimentação de um mapeamento dos enquadramentos não seja uma estratégia metodológica definitiva, esta se apresenta como exercício eficaz para um contato inicial com o objeto de estudo.

Contudo, é necessário salientar algumas limitações da presente reflexão. Considerando o objetivo de mapear aspectos característicos da forma como os elementos biográficos são acionados nos relatos jornalísticos para apresentação da figura política Barack Obama, os elementos comuns identificados nas duas revistas não nos deve fazer esquecer as variações existentes entre elas. Seja pelas diferentes culturas jornalísticas dos países em questão – aspectos institucionais, padrões éticos etc. – ou mesmo a maneira como as realidades sócio-políticas e o contexto cultural acionam a cobertura do processo eleitoral norte-americano, a identificação de semelhanças e diferenças nos relatos jornalísticos demandará maior refinamento do mapa de enquadramentos proposto. Da mesma forma, os enquadramentos até aqui sugeridos deverão merecer um maior refinamento a partir da análise de um universo mais abrangente dos materiais jornalísticos.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: **Estética da criação verbal**. 6ª.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BERKOWITZ, Daniel; RAAI, Sarah. Conjuring Abraham, Martin and John: Memory and news of the Obama presidential campaign. In: **MemoryStudies**. Sage Publications, p.364-379, 2010.

BERKOWITZ, Daniel. Telling the Unknown through the Familiar: Collective Memory as Journalistic Device in a Changing Media Environment. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal. (eds.) On media memory: Collective memory in a new media age. Palgrave Macmillan, 2011. P.201-212. COLLING, Leandro. **Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados**. Revista FAMECOS, nº14, Porto Alegre, abril de 2001, p.88-101

CROTTY, William. Policy and Politics: **The Bush Administration and the 2008 Presidential Election**. Polity (2009) 41, 282–311. doi:10.1057/pol.2009.3; published online 25 May 2009.

ENTMAN, Robert M. **Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm**. Journal of Communication, 1993, p. 51-58.

FIPP, **World Magazine Trends**. 2010-2011. Disponível em: <http://www.fipp.com/News.aspx?PageIndex=2002&ItemId=15733>

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

- KITCH, Carolyn. **Keeping history together: the role of social memory in the nature and functions of news.** Revista Aurora, p.64-71, 10: 2011.
- KITCH, Carolyn. Obamabilia and the Historic Moment: Institutional Authority and ‘Deeply Consequential Memory’ in Keepsake Journalism. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal. (eds.) On media memory: Collective memory in a new media age. Palgrave Macmillan, 2011. P.189-200. KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado. **Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto, EditoraPuc-RJ, 2006.
- MAIA, Rousiley. **Debates públicos na mídia: enquadramentos e troca pública de razões.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº2, Brasília, julho-dezembro de 2009, p. 303-340.
- POMIAN, Krzysztof. Tempo/temporalidade. In: ROMANO, Ruggiero. (dir.) **Enciclopédia Einaudi**, vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993, p. 12-91.
- REMNICK, David. **A Ponte: Vida e ascensão de Barack Obama.** Tradução Celso Nogueira, Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SÁDABA, Teresa. **Framing: El encuadre de las noticias. El binômio terrorismo-medios.** 1ª ed. Buenos Aires: La Crujía, 2007.
- TAVARES, M.S. **Lula e Obama em fragmentos biográficos temporalizados: a vitória presidencial sob o olhar de Veja e The Economist.** In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Curitiba: SBPJor, 2012. P.214. ISSN: 23166398. Disponível em: http://sbpjour.org.br/10encontro/wp-content/uploads/2012/10/caderno_Programa_CL_10Encontro_dia-10_FINAL-.pdf.
- TIME. **New Hampshire Special.** Vol.171, n.3, 21/01/08. Disponível em: <http://www.time.com/time/covers/0,16641,20080121,00.html>.
- _____. **Why politics will never be the same.** Vol.171, n.24, 16/06/08. Disponível em: <http://www.time.com/time/covers/0,16641,20080616,00.html>.
- _____. **Commemorative Issue: Presidente-elect Barack Obama.** Vol.172, n.20, 17/11/08. Disponível em: <http://www.time.com/time/covers/0,16641,20081117,00.html>.
- _____. **Inauguration Preview: Great Expectations.** Vol.173, n.3, 26/01/09. Disponível em: <http://www.time.com/time/covers/0,16641,20090126,00.html>.
- _____. **Commemorative Issue: Presidente Barack Obama.** Vol.173, n.4, 02/02/09. Disponível em: <http://www.time.com/time/covers/0,16641,20090202,00.html>.
- VEJA. **Por que ele é a grande esperança nas eleições americanas.** Edição 2043, 16/01/08. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.
- _____. **Ele pode ser o homem mais poderoso do mundo.** Edição 2064, 11/06/08. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.
- _____. **Edição Especial: Eleições Norte-Americanas.** Edição 2086, 12/11/08. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.
- _____. **Especial Estados Unidos.** Edição 2096, 21/01/09. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.
- _____. **A frieza do presidente Power Point.** Edição 2098, 28/01/09. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.
- ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. In: **Memory Studies.** SAGE Publications, p.79-87, 2008.
- ZHOU, Xiang. **Cultural dimensions and framing the internet in China: a cross-cultural study of newspapers' coverage in Hong Kong, Singapore, The US and The UK.** The International Communication Gazette, Vol. 70, 2008.